



Jane Malaquias
Cineasta

Mosaicista da arte e de si, um mundo através de lentes e um lugar criado à sua feição

Quadros. Esculturas. Pequenas miçangas. Gatos. Uma casa mística. Livros empilhados numa estante ao lado da parede. Discos de vinil no canto da sala. Uma coleção de pelúcias que se perde entre catálogos de arte. É com um sorriso no rosto e um sentimento de quem já nos conhece há muito tempo que ela, Jane Cristina Malaquias de Almeida, nos recebe. Logo de cara, não tem cerimônia: "Fiquem à vontade", "Tirem os sapatos", "Coloquem a mochila onde quiserem".

Como as bordas, os meios e as quinas, Jane, mosaicista natural de si mesma, é um encontro de peças que se encaixam e, às vezes, não. De peças coloridas, outras vezes, não. De fragmentos bem acabados, divididos, bonitos, quebrados e infinitamente adjetivados, uma vez que são muitas as medidas, os encaixes e os desenhos de uma vida inteira a colar peça por peça. Vidro por vidro. Isso sem contar com os espaços em que somente a lasca amorfa do vazio preenche e só a cola de madeira flui.

Calhei começar por um clichê literário, mas paciência. A descrição do sutil aspecto de Jane é o que mais atrai. A única certeza: é uma pessoa que vive da arte e das coisas simples, porém com grandes sentidos. Jane é, sobretudo, uma sonhadora. Uma ainda menina, daquelas que cruzam as pernas uma sobre a outra ao sentar na poltrona. Daquelas que encham os olhos de brilho quando percebem que estão sendo o centro das atenções. Daquelas que se orgulham de algum feito e logo saem correndo para contar a boa para a família. Essa é Jane.

Leva a vida como em um filme dos anos 1980. Com toda intensidade que a época pôde permitir. As indecisões e os dilemas que lhe eram permitidos na juventude foram usufruídos. O que ser da vida, qual faculdade cursar, as aventuras de viagens, os desentendimentos amorosos, o amor pelos bichos, a ideologia sem ideologia. Uma vida tal qual uma foto-colagem. Feita de imagens.

Jane, mais do que ninguém, viu que o mundo é feito de portas. Portas de oportunidades em todos os aspectos e setores do mundo e da vida. Algumas inimagináveis, como a de estudar cinema em uma das melhores escolas de cinema do mundo, a Escola de Cinema de Cuba.

Jane é uma colecionadora de liberdades inalcançáveis, não só porque os braços de menina-mulher não são longos, mas também porque, como no poema "Pássaro Azul" do escritor alemão Charles Bukowski, ela estava presa à gaiola da própria realidade. Jane é a borboleta azul aprisionada no próprio coração, mas, como diria o poeta americano, ela é demasiado dura para ele.

Nômade de si mesmo. É uma designação apropriada para Jane. É como se uma câmera de cinema estivesse filmando os passos dela e depois parasse em súbito, deixando-a imóvel no tempo em que se encontra agora.

Percebemos através de seus olhos que houve um encontro da vida com a identidade da cineasta e essa junção se deu em um momento oportuno, onde soube (sabe) aproveitar tudo ao que foi (é) exposta. Ao mesmo passo que ela se tornou um minúsculo diamante inquebrantável, radioso e indivisível no seu mundo, universo, que ela chama de lar.

Embora faltem ainda algumas peças entre os cômodos da própria casa, Jane e os seus gatos sabem, no fundo, que o mosaico mais importante está completo e presente: o aconchego. Na verdade, na casa de Jane não falta nada. Como toda boa mosaicista, ela sabe em que lugar cada peça deve estar. E não estar.

Adentrar no mundo íntimo de Jane é conhecer um espaço raro, produzido com fortes doses de personalidade e de sonhos. É sair dos lugares comuns assépticos e ingressar em um universo lúdico, pontuado de surpresas e esmero.

Equipe de Produção:

Thais Norões
Rose Serafim

Entrevistadores:

Alana Lins
Amanda Fontenele
Ingrid Pedrosa
Karine Nascimento
Maurício Xavier
Rafael Queiroz
Rose Serafim
Ruth Lene
Sarah Yarina
Thais Norões

Texto de abertura:

Ruth Lene

Fotografia:

Saulo Roberto



Entrevista com Jane Malaquias, dia 13 de outubro 2016.

Rose – Jane, além de cineasta, você também desenha, e seus amigos nos contaram que você produz lindas esculturas. Eu quero saber, então, como você começou a se interessar por arte. Por desenho, mais especificamente. Como você começou a gostar de desenhar?

Jane – Olha, desde criancinha mesmo. O que eu acho engraçado é que eu, desde muito cedo, tinha consciência do meu progresso no desenho. É aquela coisa: criança começa desenhando aranha. Faz uma bola, puxa um traço, diz que aquilo é o pai, a mãe, né? Eu lembro de certos progressos que eu fiz quando aprendi a desenhar um pé de frente e não de lado, conseguir fazer uma figura de frente com nariz. Eu gostava de desenhar, e, quando eu era pequena, desenhava muito em revista. Depois que o pessoal lia, eu ficava procurando os cantinhos brancos na revista onde não tinha foto, onde não tinha nada escrito para desenhar e desenhava, desenhava... Meus cotovelos eram bem cascados, porque eu ficava horas desenhando no chão, deitada no chão, sabe? É isso, sempre foi uma coisa natural gostar de desenhar. E, depois, eu tinha uma *viagem*, quando já maiorzinha, achava que tudo aquilo que eu estava desenhando passava a existir numa outra dimensão. Eu sentia que estava criando mundos. Cada carinha que eu desenhava, cada figurinha, passava a existir, então eu precisava desenhar muito para que aquelas coisas passassem a existir em outro lugar, em algum outro lugar que eu não sabia onde era.

Rafael – Mas você teve alguma influência dos seus pais, que a levou a essa questão do desenho, que inspirou a desenhar?

Jane – Não. Eu fui descobrir que meu pai e minha mãe (*Gedyr Lirio de Almeida e Diva Manta Malaquias de Almeida*) desenhavam quando eu já era bem grandinha. Foi um dia que minha mãe estava mexendo em uns papéis antigos, fazendo uma limpeza – aquela limpeza que você faz para jogar um monte de coisa fora – ela encontrou uma pilha de cartas que eles trocavam quando eram namorados. Tinha uns desenhos lindos de uns ratinhos que a minha mãe fazia, desenhava uma família de ratinhos dizendo que era ela, meu pai e não sei o quê... E eu nem sabia que eles desenhavam. Eles pararam de desenhar.

Meu pai também desenhava de volta. Mas eles esqueceram. Isso ficou no passado.

Agora, eu era louca para desenhar com caneta esferográfica, porque criança tem aquela coisa: “Ah, porque criança erra, criança não sabe escrever, então criança trabalha com lápis para poder apagar e corrigir” e eu queria ter caneta esferográfica, caneta preta. Até hoje, eu gosto muito de caneta preta. São aquelas coisas assim que a gente vai querendo.

Thaís – (*interrompe pedindo para fechar janela, que estava fazendo barulho*) Você fez aula de dança, né? Você teve aula de algum outro tipo de arte?

Jane – É... De desenho. Eu não me lembro mais a idade que eu tinha, mas eu fui aluna da Jane Lane, uma professora e artista plástica daqui. Nem sei onde é que anda ela. Acho que ela era uma das poucas pessoas que davam aula sistematicamente aqui em Fortaleza, para quem queria se iniciar na pintura. Ela ensinava tinta à óleo e tal. Eu já deveria ter uns 14 ou 15 anos. Tive aulas também com o professor Aderson Medeiros, que é artista plástico. Com o Aderson, eu me lembro que era mais aula de desenho. Aquela coisa de modelo, sabe? De ter um modelo vivo, de ele levar um objeto e ficar todo mundo sentado em volta desenhando aquele objeto. Então, aula de desenho eu tive com essas duas pessoas: a Jane Lane e o Aderson, quando era criança.

Ingrid – Esse gosto pela arte pode não ter sido influenciado, mas foi incentivado pelos seus pais?

Jane – Olha, quando a gente é criança os pais se orgulham muito de dizer: “Ai, minha filha é uma artista, minha filha isso...” E eu era uma criança que lia muito também. Eu estava louca para aprender a ler, porque a babá não tinha mais paciência de ficar lendo para mim. E criança é aquela coisa: “De novo, de novo”. Eu queria que ela ficasse lendo aquela mesma coisa dez mil vezes. Ela não tinha paciência e eu era louca para aprender por causa disso, para poder eu mesma ler. Quando eu aprendi a ler, eu devorei os livros da biblioteca da escola, a bibliotecazinha de crianças. Eu pedia livros de presente para o meu pai. Era assim: meu presente de aniversário era poder comprar vários livros e meu pai gostava de ler também, então sempre ti-

Jane Malaquias é a mais velha de quatro irmãos: Jane Cristina, Tatiana, Serguey e Paulo Marcelo; filhos dos baianos: Gedyr Lirio de Almeida, que faleceu no ano passado aos 81 anos, e Diva Manta Malaquias de Almeida, que ainda está bem viva, aos 84 anos.

A entrevistadora Amanda Fontenele, que já conhecia um pouco sobre a história da cineasta, sugeriu o nome de Jane durante a reunião de nomeação dos entrevistados da edição 37.

O primeiro contato com Jane foi realizado via Facebook. A cineasta ficou bastante animada ao receber o convite para ser entrevistada pela *Revista Entrevista* e logo perguntou onde teria acesso aos volumes anteriores.

na revista lá em casa (*Manchete, Cruzeiro, Veja, O Pasquim*).

O jornal *O Pasquim* foi muito importante para mim, como criança, pegar um jornal daqueles e ficar folheando. Eu era fã do Henfil, do Millôr, do Jaguar (*cartunistas que trabalharam no jornal O Pasquim*), daquela irreverência toda. Meu pai, às vezes, escondia alguns *Pasquins*, porque eles faziam coisas bem ousadas. Eu me lembro de uma atriz lá que eles entrevistaram na redação do *Pasquim* ela nua. Ela ficou nua para ser entrevistada. Eu até pensei: "Será se eu fico nua também?" (*risos de todos*).

E minha mãe gostava muito de quadrinhos de terror. Tinha uma coleção. Ela gostava do Drácula e da filha do Drácula, a Dracolina. Ela também escondia as revistas dela. Era só eles saírem e eu fazia a busca para saber onde é que estavam. As revistas *PlayBoy* também eram outra coisa que meu pai escondia. Cada dia ele inventava um esconderijo diferente e era só a galera sair de casa que eu descobria onde é que estavam escondidas as revistas.

Rafael – Quanto à questão de alugar filme, de ir ao cinema... Quando foi que isso surgiu mais ou menos?

Jane – Eu lembro qual foi o primeiro filme que eu vi, foi *Branca de Neve*. Eu me lembro também que tinha um programa na televisão que eu esperava a semana toda para assistir que era *Disneylândia*, que só passava domingo à tarde. Porque não tinha essa coisa de programação para criança, como tem hoje canal para a criança. E eu lembro que eu rezava à noite pedindo para ter mais desenho animado. Quando eu me aproximei do cinema, eu tinha a ideia que ia fazer desenho animado. Depois, mudou, mas era o que eu mais queria na época.

Thaís – Foi por isso que você foi fazer quadrinhos? Porque gostava das animações?

Jane – Eu não sei como foi que eu fui fazer quadrinhos, na verdade. Eu acho que é porque eu já frequentava a Casa Amarela (*Eusélio Oliveira, equipamento cultural da UFC ligado ao cinema e ao audiovisual*), e eu acho que conheci o Jesuíno lá (*refere-se ao professor aposentado Geraldo Jesuíno, entrevistado na Revista Entrevista nº34*), não sei. Alguém deve ter dito que eu gostava de desenhar, e ele me convidou para a oficina. A formação de quadrinhos que eu tinha antes da oficina do Jesuíno era o quadrinho infantil, era o *Tio Patinhas, Brotoeja*, Maurício de Souza (*quadrinista brasileiro com vasta produção na área*). Na Oficina de Quadrinhos é que eu fui descobrir o quadrinho adulto, os clássicos do quadrinho adulto. *Graffic Novel*, essas coisas todas.

Sarah – A gente viu no material de produção que você disse que não se considerava uma boa aluna. Até acreditava que não ia passar no vestibular. Por que você não se considerava uma boa aluna? O que você considera como ser boa aluna?

Jane – Olha, a minha história escolar é a seguinte: eu era uma criança que lia muito. Então, já cheguei na escola quase alfabetizada. Eu criança, era uma boa aluna, mas eu não gostava de ir para a aula, de acordar cedo de manhã. Eu era uma criança que, se eu pudesse, eu dormiria 12 horas por dia. Acordar de manhã para ir para a aula pra mim era uma tortura, ficar sentada numa cadeira para mim era uma tortura. Eu ficava sentada e todo o tempo ficava passando um filme na minha cabeça que era assim: "Eu vou empurrar essa mesa e sair correndo!" Mas não tinha coragem de fazer isso. Eu estava entre os primeiros alunos até o quarto ano primário, quinto ano primário. Mas eu era boa aluna porque era obrigada a ser boa aluna. Porque minha mãe *colava* ali, para que eu fosse estudar, fazer o dever... Quando eles relaxaram, eu também fui deixando de mão. Eu passei a ser uma aluna mediana que admirava muito os piores alunos. Os meus heróis, o menino por quem eu era apaixonada era o pior aluno da turma. E, quando eu fui para o científico, que era o pré-vestibular, primeiro, segundo e terceiro ano científico, realmente foi o fim de carreira (*riundo*). Eu tinha ódio de ir para a escola, não gostava. Chamavam-me de astronauta, eu ficava três, quatro dias sem pentear o cabelo, o cabelo ia ficando cheio de nó, era um negócio, era bem, bem doidinha...

Amanda – Jane, e no período já da faculdade... A gente viu na pré-entrevista que você primeiro foi para a Agronomia, viu que não era bem o que você queria, você se desligou e foi para o Serviço Social. Quero saber como foi esse processo de transição de cursos. Porque para você entrar na universidade já tem uma pressão muito grande, daí pra você ainda mudar de curso... Eu quero saber como foi o processo para você.

Jane – *Rapaz*, o pior ano da minha vida foi o pré-vestibular, foi um horror! Quando saiu o resultado do vestibular, para Agronomia, eu passei, mas estava reprovada no terceiro ano do Colégio Cearense (*fundado em 1913 pelos padres Misael Gomes, José Quinderé e Climério Chaves, fechou as portas no dia 31 de dezembro de 2007*). Eles fizeram uma espécie de prova de recuperação para aprovar quem tinha passado no vestibular. Eu me lembro que foi uma prova que aconteceu de tarde, e eles praticamente entregaram o resultado da prova para a gente. Foi um negócio assim, sabe? Para passar mesmo. Porque

Ainda na pré-entrevista, a convidada esclareceu que não gosta muito de celulares, e mantém até hoje o costume de escrever cartas aos amigos.

o colégio não ia deixar de dizer: "Aprovamos tantos alunos", né?

Sim, mas a dificuldade, né? Então, eu passei para Agronomia porque eu não passei no teste de aptidão da Arquitetura, que era um teste de desenho à mão livre, e eu fiquei *passada*: "Nossa! Não passei nesse teste". Eu pensava que ia levar *pau* era na prova mesmo, porque era muito concorrida. Mas passei para Agronomia. Então, trégua lá em casa. Passei na Universidade Federal do Ceará, aí me deixaram em paz.

Fui fazer o primeiro semestre da faculdade. Era: Cálculo I, Física I, Química e Estatística. E eu fui aprovada em duas matérias e fiquei reprovada nas outras duas. E eu já vi como era o curso também, era um curso de Engenharia, *cara*, de Engenharia Agrônômica. Muita cadeira de Matemática, sabe? Muita cadeira de Química... Eu pensei: "Nossa, eu não vou conseguir terminar esse curso nunca!" Eu via lá uns alunos que estavam há dez anos na agronomia. Eu não tinha coragem de dizer lá em casa que eu queria fazer vestibular de novo e eu mesma não me

sentia com coragem para começar tudo de novo. Demorei um ano e meio. Ainda fiz o primeiro semestre, o segundo semestre eu ia mais ou menos, de vez em quando, e no terceiro eu já nem coloquei mais os pés lá. Mas todo dia eu saía de casa como se fosse para a faculdade, e ia para a casa do namorado. Até ter coragem de dizer que eu queria fazer vestibular para outra coisa na área de humanidades.

Karine – E por que Serviço Social?

Jane – Porque, quando eu resolvi fazer (*vestibular novamente*), era no meio do ano. Na Federal eu queria Comunicação, mas não tinha vestibular no meio do ano, tinha Psicologia. Meu pai era professor da estadual e disse assim: "Por que você não faz Serviço Social? É um curso bacana e você gosta de humanidades". Passei em Serviço Social e gostei! Minha turma era muito unida, muito idealista, sabe? O curso todo só tinha um homem. Era um mulherio danado! E a gente fez muita loucura. Eu me lembro que, quando a gente ainda estava no Básico (*refere-se ao ciclo inicial da universidade*), a gente estava in-

Ainda não existem edições digitalizadas da *Revista Entrevista*, mas os volumes impressos são distribuídos gratuitamente no curso de Comunicação da Universidade Federal Ceará (UFC). Thaís levou as edições nº 3, 11, 21, 30, 33 e 35 para Jane na ocasião da pré-entrevista.



"Cada carinha que eu desenhava, cada figurinha, passava a existir, então eu precisava desenhar muito para que aquelas coisas passassem a existir em outro lugar."

A equipe de produção conseguiu o *email* da Jane com a Coordenação de Audiovisual do Porto Iracema das Artes, em Fortaleza, onde ela deu aulas, mas eles informaram que o contato com Jane seria mais rápido por Facebook.

Mesmo sendo bastante acessível, o contato por Facebook com Jane ainda era bastante demorado. O número de telefone da cineasta foi conseguido com Wolney Oliveira, diretor da Casa Amarela, que também foi entrevistado para o material de produção.

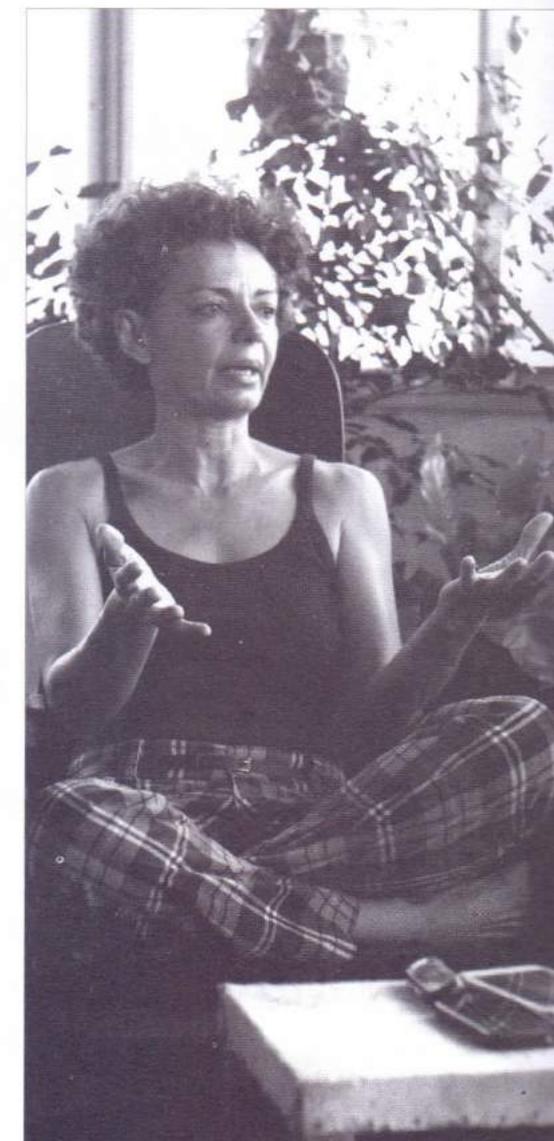
dignada com os banheiros da faculdade, que estavam imundos, e a gente fez um mutirão de limpeza. A minha turma do Serviço Social foi muito unida, a gente fez muita coisa nesse sentido. A gente inventou de fazer uma biblioteca solidária, aí batemos de frente com o Centro Acadêmico, quando já estávamos estudando no Itaperi (*bairro que dá nome a um dos campi da Universidade Estadual do Ceará*), porque a gente não tinha filiação política nenhuma, a gente tinha era boa vontade. Não fomos pedir a bênção de nenhum Centro Acadêmico para fazer o que a gente queria fazer. Eu saí de sala em sala, eu e mais umas três meninas, vendendo a ideia de fazer uma biblioteca solidária, quando chegou numa sala lá, apareceu a presidente do centro acadêmico: "Por que vocês estão fazendo isso se tem o Centro Acadêmico? Vocês deveriam começar dentro do Centro Acadêmico". *Menino*, foi um *arranca rabo* em sala de aula! Começaram a dizer que eu era da Polícia Federal. Nessa época, tinha essa paranóia, quase todos os centros acadêmicos estavam aparelhados com partidos que ainda não tinham saído da clandestinidade, PCdoB (*Partido Comunista do Brasil*), MR-8 (*Movimento Revolucionário 8 de Outubro*). A gente sabia, ouvia falar e tal, mas ninguém tinha muita certeza. Eu sabia que o Centro Acadêmico do Serviço Social estava ligado a um partido de esquerda clandestino. E eu fiquei muito *puta* quando a menina veio me *peitar* na sala de aula. Ela dizia que eu estava dividindo, eu acho que eu disse: "Ah, vocês aparelham!" Aí pronto, disse alguma coisa nesse sentido e eles começaram a dizer que eu era da polícia, que eu era espiã... Mas também não foi muito longe isso não, ficou ali no Serviço Social mesmo.

Rafael – Antes de você escolher seguir uma carreira profissional no campo da arte, tinha alguma pressão dos seus pais para você seguir uma carreira mais tradicional, por exemplo, Serviço Social ou até Direito?

Jane – Não. Diziam assim: "Já que você desenha, deveria fazer Arquitetura", era um pouco isso, não tinha nenhuma insistência,

"A arte era considerada hobby, 'Tudo bem ser artista e tal, mas arte não enche barriga de ninguém, arte não sustenta ninguém'."

O primeiro encontro com Jane aconteceu na Livraria Saraiva, do Shopping Iguatemi. A dupla de produção, Rose e Thaís, contou que, mesmo chegando antes do horário marcado, a convidada já estava à espera das duas.



não. A arte era considerada *hobby*. “Tudo bem ser artista e tal, mas arte não enche barriga de ninguém, arte não sustenta ninguém.” E era um pouco isso. E é até hoje. Minha mãe... Meu pai, pobrezinho, que morreu no ano passado: “Minha filha, você não quer fazer um concurso? Ou então faça um mestrado”.

Thais – Mas quando você passou na EIC-TV (*Escuela Internacional de Cine y Televisión*), já pensava em seguir carreira no cinema ou você pensou: “Vamos ver se eu gosto disso aqui?”

Jane – Não. No dia que eu soube que eu tinha passado para essa escola, cara, a gente já estava morando aqui neste apartamento. Eu gritei tanto, gritei, gritei de alegria. Minha mãe perguntava: “O que aconteceu? Você está louca! Você está louca!” E eu: “Aaaahhh!” Era o melhor dia da minha vida, foi o dia mais importante da minha vida.

Ingrid – Eles (*os pais*) sabiam que você tinha prestado esse concurso? Eles apoiaram?

Jane – Eles não tinham ideia da dimensão, na verdade. Eu fui fazendo as coisas e eu não dizia muito o que eu estava fazendo, quando eu já vim foi com a notícia: “Passei! Vou estudar em Cuba!” Meu pai ficou assim... Mas foi um negócio que ele não pôde dizer nada, porque a passagem quem deu foi o governo brasileiro. Lá a gente tinha bolsa integral, alimentação, hospedagem, tinha até uma mesada em pesos cubanos. Então, não tinha nem como dizer “não vá!”, eu já era maior de idade, já tinha 23, 24 anos. Na época, Cuba ainda não tinha restabelecido relações diplomáticas com o Brasil, então a gente viajava e não tinha um carimbo no passaporte para dizer que estava indo para Cuba, sabe? Era todo um trâmite para a gente ter um visto e ir pra lá, mas logo em seguida, no ano seguinte, já haviam restabelecido as relações diplomáticas.

Karine – O que você esperava quando se inscreveu nesse projeto que era novo, né? Você foi da primeira turma. O que você esperava da EICTV?

Jane – Eu ia redirecionar a minha carreira, porque eu estava exatamente em um momento em que eu já tinha me formado em Serviço Social, eu tinha começado a trabalhar como assistente social em um centro comunitário aqui perto, ali na favela Verdes Mares (*localizada no Papicu, bairro nobre de Fortaleza*). Para minha decepção, eu não tinha dinheiro para sair de casa, que era meu grande sonho, ter minha vida, meu apartamento, aquela coisa toda, ser autossustentável. E eu disse assim: “Poxa, tanto trabalho pra isso? Para estar numa profissão que paga dois salários mínimos?” Era quase que o piso

salarial do assistente social na época. E eu fiquei assim: “Porra, eu vou atrás de fazer alguma coisa que eu goste”. E outra coisa: eu me decepcionei com a profissão também, porque na escola a gente teve uma formação meio que de esquerda mesmo, sabe? A gente estava muito preocupado em mudar o mundo, em mudar o Brasil, com movimentos populares, com a questão da terra, da reforma agrária, a questão do índio, da mulher, da criança... A gente achava que iria mudar o mundo. Quando você vai para a prática do trabalho, ninguém contrata para mudar o mundo, entendeu? Ninguém ganha salário para mudar o mundo. Se você quer mudar o mundo, comece mudando você mesmo, mudando sua casa, sua relação com os vizinhos, com tudo. Mas a prática do Serviço Social é uma prática de conter uma demanda reprimida da injustiça social, sabe? É isso, são as pessoas necessitando do mínimo, do básico, e você lá sendo o amortecedor do choque. Evitando que o choque aconteça.

Eu me lembro de uma vez que eu fui para o IML (*Instituto Médico Legal*) levando uma criança de seis anos com suspeita de ter sido deflorada. Eu não tinha estômago para aquilo. Então, eu disse assim: “Eu vou fazer arte!” Já estava nos quadrinhos, já estava na Casa Amarela, estava nesse momento de pesquisa. Queria saber onde é que tinha e onde é que era mais viável. E ainda tinha esta: quem é que vai bancar? Né? Porque aqui em Fortaleza não tinha (*curso de Arte*). Hoje aqui em Fortaleza tem vários cursos que eu faria tranquilamente: Estilismo, Paisagismo, Cinema... Tem uma oferta de cursos para quem gosta de arte, mas, na época não tinha. A opção era sair daqui. E aconteceu essa chance da prova para a primeira turma da escola de cinema acontecer em Fortaleza, na Casa Amarela, só 20 pessoas se inscreveram para escolher seis pessoas, e eu fui uma das seis escolhidas.

Rose – Como foi a chegada em Cuba? Você estava saindo do Brasil, que estava acabando de sair de uma ditadura, e vai para a Cuba socialista no período em que o mundo estava dividido ao meio. Enfim, você viveu o curso de Serviço Social no período da ditadura, então, como foi a experiência de chegar em Cuba nesse contexto?

Jane – A sensação é de uma *piveta* fazendo história. É, porque, de repente, você está num momento histórico: “Poxa, que oportunidade! Eu estou fazendo parte da primeira turma de uma escola de cinema internacional, eu estou conhecendo pessoalmente Fidel Castro!” Ele recebeu a gente lá no palácio de governo dele, maravilhoso, fez uma festa, um coquetel para receber os estudantes. Foi

Desde o primeiro contato com a equipe de produção, Jane foi bastante solícita e simpática. No final da pré-entrevista, deu o número de telefone de cinco amigos, da mãe e da irmã para que se pudesse entrevistá-los e saber um pouco mais sobre a personalidade dela.

Para compor o material de produção desta entrevista foram entrevistados: Kiko Bloc-Boris, Fran Viana, Wolney Oliveira, Marcus Moura e Amaury Cândido. Amigos pessoais e colegas de trabalho de Jane Malaquias.

Tatiana Malaquias, irmã de Jane, contou que as duas costumavam ir ao antigo aeroporto, onde havia charretes puxadas por carneirinhos, para as crianças passearem. Jane se recusava a subir na charrete. Tinha pena dos carneiros e ficava andando ao lado deles.

a primeira vez que eu comi lagosta na minha vida! E, quando a gente chegou em Cuba, a escola ainda não estava pronta. A gente ficou no Hotel Nacional, um grande hotel, e isso durante o festival de cinema de Havana, o Festival de Cinema Latino-americano. Toda noite na boate do hotel estava Arturo Sandoval (*trompetista e pianista de jazz cubano*) tocando, um grande músico, um virtuose. O avião que eu viajei para Cuba era um avião no qual estava um monte de diretor brasileiro, de gente importante, que eu tinha vontade de conhecer. Se aquele avião caísse ia ser uma desgraça pior do que o avião que matou os Mamonas Assassinas (*refere-se à banda de rock brasileira cujos membros morreram em um acidente aéreo na Serra da Cantareira, em São Paulo, em 1996*) ou aquele que matou o Edson Queiroz (*acidente com avião da antiga Vasp, na Serra da Aratanha, em 1982, no qual morreram 137 pessoas, no Ceará*). Era um avião lotado de cineastas, atores, intelectuais, e nós, os estudantes brasileiros, lá. Eu me lembro de que eu sofri até *bullying*, que eu estava sentada numa cadeirinha, com os colegas aqui do lado, e eu me lembro que estava na minha frente, eu não me lembro quem eram os outros, mas me lembro do Ziraldo (*cartunista brasileiro*), Ziraldo e mais uns dois ou três assim: “Ei, menina! Você passou, foi, para Cuba? É, você é muito bonitinha, você passou porque é bonitinha”, um negócio assim, que eu tinha passado porque era bonitinha.

Rafael – Quais foram os cineastas que você teve mais contato lá na escola, com quem teve a oportunidade de conversar enquanto esteve em Cuba?

Jane – Olha, dos brasileiros: Walter Lima Júnior... Professores que eu tive de fotografia: Mário Carneiro, César Charlone, José Medeiros – são todos grandes diretores de fotografia brasileiros, né? A (*cineasta*) Tizuka Yamasaki também esteve lá. Dos internacionais, teve o (*cineasta norte-americano Francis Ford*) Coppola – eu participei de uma oficina de roteiro de longa metragem de uma semana com o Coppola, ele dando aula de manhã e de tarde para a gente escrever um longa-metragem em uma semana, e deu certo, a gente escreveu.

Ingrid – E ele gostou do longa?

Jane – Era um *Frankstein*, o longa, era muito engraçado (*rindo*), porque ele partiu do seguinte princípio: nós vamos desenvolver aqui um filme comercial, e um filme comercial é um filme de gênero. Vamos escolher um gênero com o qual a gente quer trabalhar. Aí a turma: “Vamos fazer um *thriller*!” Ele disse: “Bom, o gênero do *thriller* sempre tem: o assassino, as vítimas, o investigador...” Ele

pegou a lousa e dividiu em nove pedaços, disse que um filme comercial, em geral, tem nove bobinas de dez minutos, é um filme de 90 minutos. Ele disse o que tinha de acontecer em cada bobina e a gente discutia qual ia ser a história. Na época, o Papa Negro visitando Cuba. O Papa Negro era um grande chefe da religião do Candomblé, da religião Yorubá (*iorubá, na pronúncia em português*), que em Cuba está muito presente. Então alguém disse que a gente tinha de fazer alguma coisa sobre a visita do Papa Negro. Tinha a história de uma espécie de um sanatório que tinha em Cuba que era pra onde estavam mandando as pessoas que tinham AIDS, lá eles chamam *SIDA*. Fomos juntando essas coisas, o que a gente queria colocar no filme, como é que a gente junta o Papa Negro com o sanatório, com mais não sei o quê! Eu sei que foi sendo criada em linhas gerais a história. Daí ele perguntou quem é que iria trabalhar no primeiro rolo, quem vai trabalhar no segundo, no terceiro... E cada subgrupo ia escrever aqueles dez minutos. Todo mundo se encontrava, e a gente lia o que havia sido escrito. Acontecia do personagem que havia sido introduzido no primeiro rolo e havia sido morto num outro rolo, aí fazíamos a votação: “Continua ou não continua?” “Traz daqui pra cá, daqui pra lá”. Isso foi me revelando uma coisa do roteiro que é o desapego. O roteiro é um quebra-cabeças que a gente vai montando, é uma coisa muito lúdica. O roteirista profissional mesmo vê o roteiro como uma brincadeira. Você monta e remonta aquilo, você tira uma cena e bota pra lá, elimina um personagem e coloca outro, é uma maquininha que tem de funcionar.

Maurício – Jane, no processo lá da escola e de estar sendo exposta a todas essas personalidades e facetas do cinema, o que foi que a fez decidir a focar na produção de fotografia como especialização?

Jane – Foram duas coisas: uma foram meus professores de fotografia, porque, hoje em dia, quando se vai para Cuba, já tem de ir dizendo o que quer fazer lá, mas na época em que eu fui o curso era polivalente, a gente só se especializava no último ano. Até lá a gente estava exercitando todas as funções, em um exercício você fazia som, no outro exercício fazia montagem, no outro fazia produção, no outro dirigia, no outro fotografava, né? Então você era obrigado a ter uma base de todas as funções. Todo mundo teve aula com o César Charlone, com o José Medeiros, com o Mário Carneiro, e esses professores foram maravilhosos, Eles realmente me levaram para a fotografia. E teve a coisa do choque de ego também. Quase todo mundo, acredito que uns 80% dos alunos da minha turma queria

Jane contou que acabou descobrindo que os pais também gostavam de desenhar durante a juventude. Os dois trocavam cartas durante o namoro, onde, segundo ela, a mãe ilustrava lindos ratinhos e outros bichinhos que representavam o casal.

"Ninguém ganha salário para mudar o mundo. Se você quer mudar o mundo comece mudando você mesmo, mudando sua casa."



ser diretor, é o que chama mais atenção. E, na hora de fazer os exercícios, *rolava* muita *rasteira*. Eu comecei a me desencantar em um exercício que era para fazer direção dividida. Eram pra ser três diretores, e os dois colegas que tinham de dirigir comigo, um menino e uma menina, não tinham nenhuma ideia, não tinham roteiro, não tinham nada, e eu cheguei com um roteiro. Eles leram, e tinha uma coisa que estava acontecendo sempre nas turmas era que a pessoa que levava o roteiro acabava sempre dirigindo mais que os outros, porque era o "dono da história". Mas essas duas pessoas que trabalharam comigo se reuniram e chegaram assim: "Jane, é o seguinte: eu sei que a gente não tem roteiro ainda, mas a gente não quer dirigir o seu roteiro não, a gente quer fazer um roteiro aqui entre nós dois e a gente vai fazer o fil-

me", eles nem tinham nada ainda e eu fiquei tão chateada que só disse: "Tá bom, pois vocês co-dirijam o filme os dois, eu não quero mais estar na equipe de direção, eu vou para a equipe de câmara". Saí, não fiz o exercício de co-direção com eles, fui ser assistente de câmara do filme e comecei a me desencantar, sabe? Porque era muita briga de ego, eu achei que na fotografia e no roteiro era mais legal, e eu tinha adquirido muito conhecimento que, mais tarde, quando eu quisesse dirigir, eu iria utilizar.

Alana – Durante o tempo em Cuba você teve algum medo, alguma saudade, algo que a fizesse querer voltar?

Jane – Não. Eu fiz de tudo para não voltar, porque eu sabia que a gente iria voltar para Fortaleza. Quando a gente veio para cá, o (então presidente Fernando) Collor de Melo tinha acabado com a Embrafilme (*Empresa Brasileira de Filmes*), acabou com o cinema brasileiro. Enquanto eu estava lá em Cuba, tentei cavar alguma bolsa, alguma coisa para eu ir para outro canto, mas não rolou e eu voltei para Fortaleza, e, assim que eu pude, eu fui embora de Fortaleza.

Thaís – O que mudou na sua cabeça quando você foi para Cuba? Porque você já vinha de uma educação de base de esquerda no Serviço Social, na UECE (*Universidade Estadual do Ceará*), e chega lá e tem um sistema socialista. Você acha que amadureceu de alguma forma, na sua forma de pensar?

Jane – É, se tornou muito mais complexo o meu pensamento, porque, quando nós chegamos lá, a Revolução Cubana estava completando 30 anos. Existia toda uma geração que tinha nascido dentro da revolução, pessoas que não tinham conhecido o antes. Essas pessoas, principalmente os jovens artistas que eram os que a gente se relacionava mais, sentiam muita falta de ter uma participação política, porque, para você ter uma participação política lá, você tinha de estar no partido desde criança, você tinha de ser filiado ao partido e ter uma vida de *pionerito*, senão ninguém o escutava. Tinha o lado do bloqueio econômico, que é muito injusto o que fizeram com Cuba – os Estados Unidos fizeram um bloqueio a um país minúsculo, queriam matar os cubanos de fome (*refere-se ao bloqueio imposto pelo governo*

Durante a pré-entrevista, Jane revelou uma habilidade curiosa que desenvolveu durante o período em que cursou Agronomia: aprendeu a cortar cabelo. Ela ia para o Centro Acadêmico do curso e ficava observando um amigo que realizava a atividade lá mesmo.

Jane fez parte da primeira turma da Escuela Internacional de Cine y Televisión (EICTV), em San Antonio de los Baños, Cuba. O concurso para seleção de 1987 abriu apenas seis vagas para o Brasil, todas destinadas apenas a estudantes do Ceará e Piauí.

Durante a produção da entrevista, descobrimos que Wolney Oliveira, atual diretor da Casa Amarela, participou da primeira turma da EICTV, juntamente com Jane e os cineastas Marcos Moura e Amaury Cândido.

norte-americano desde os primórdios da *Revolução Cubana, impedindo importações de mercadorias e serviços de qualquer espécie, durante mais de 40 anos*). Era uma situação muito complexa. As pessoas criticavam Fidel, mas Fidel era um grande pai também, um grande avô. Ninguém tinha raiva de Fidel. A coragem que ele teve – ele, o Che Guevara (*político, escritor, médico e guerrilheiro, Ernesto Guevara de la Serna, nascido na Argentina e morto na Bolívia*), o Camilo Cienfuego (*revolucionário cubano, Camilo Cienfuegos Gorriarán, morto em 1959*) foi muito grande, eram heróis nacionais, mas esses heróis também erram, né? Aí tem fulaninho que é do partido e: “Pá, eu sou do partido!” acha que dentro de um museu um casal não pode dar beijo na boca, ou que um jovem não pode usar barba, só quem tem direito a usar barba é o comandante chefe, que foi para Sierra Maestra (*local estratégico na Revolução Cubana*). Tinha umas caretices muito grandes. Você via em Cuba todo tipo de tribo, era engraçado isso. Você andava por uma rua e via a galera do *heavy metal*, galera *punk*, mas essas pessoas eram vistas como os *freaks*, era *bullying* em cima deles. Enquanto o cubano médio comum era isso: idolatrava o Fidel. E tinha um comportamento que a gente chamava de a dupla moral do cubano. A dupla moral do cubano é o seguinte: é a dupla moral de qualquer um de nós. É o seguinte: só quem tem direito de falar mal da minha família sou eu, ninguém venha de fora dizer que minha mãe é feia, que meu irmão é banguela, não, só quem tem direito sou eu. Então, o cubano tinha isso, na hora de falar publicamente dos problemas em Cuba, todo mundo era pró Fidel. Mas, no dia a dia, na hora de fazer o supermercado para dentro de casa... Aí, valia todo tipo de malandragem mesmo, sabe? Porque Cuba passava por um problema sério de distribuição de alimentos. Você não chegava em um lugar e conseguia fazer o supermercado, não encontrava no mesmo lugar banana, ovo, leite e farinha, não. Quando faltava, faltava. O cubano passava muito trabalho para conseguir as coisas básicas. E ainda passa. Eu vi a complexidade da coisa, tudo se tornou bem mais complexo para mim. Eu não julgo Cuba porque eu sei que é difícil, eles fizeram uma coisa grandiosa e, ao mesmo tempo, nenhuma ditadura é saudável.

Alana – Você passou alguma dificuldade lá?

Rafael – Alguma repressão?

Jane – Passei. Teve uma coisa que eu me senti censurada. Na festa de formatura na nossa graduação lá na escola, o palanque ia ser montado na frente do comedor, do refeitório, que dava para um grande pátio, e che-

garam pra mim: “Jane, você desenha bem, pinta, não quer pintar aqui esses vidros para ficar bonito? Porque isso vai ficar por detrás de onde vai ser o palanque onde vão estar as autoridades” E eu achei massa, eu já fazia isso, eu pintava com tinta guache as portas dos quartos dos alunos, o pessoal me pedia, e eu ia lá e pintava. Eu não sei o que deu na minha cabeça que eu resolvi pintar um anjo lutando contra um demônio – acho que porque tinha o diretor da escola, o Fernando Birri (*cineasta argentino, nascido em 1925*), que tinha feito um filme no qual ele era um anjo, era “um senhor muito velho de asas muito grandes”. Acho que por causa do nosso imaginário também, do bem contra o mal, não sei que, não sei que, e eu inventei de fazer um anjo com um demônio. Fiz um mural bem gigante lá. Quando foi de tarde que eu *tava tranquilinha* no meu quarto, vieram me dizer: “Jane! Jane! A galera não gostou, não, do negócio que tu fizeste lá e mandaram cobrir tudo com um pano vermelho”. O sangue veio, o coração chega fez *tumtumtumtum*, e eu fui ver e estava lá um pano velho de brim vermelho cobrindo tudo, sabe? Aí, eu peguei uma tesourinha de unha e fui lá e cortei o pano todinho, e não fizeram nada, ficou lá.

Rose – Como vocês se comportavam lá dentro? De certa forma, vocês eram um grupo recebendo privilégios dentro de um contexto repleto de restrições.

Jane – Muito mal. Como a nossa geração foi a que inaugurou a escola, a gente tinha muita moral, sabe? Porque nós éramos os pilotos de prova de uma escola antiescolástica. Com um diretor, que foi o Fernando Birri, que teve uma presença de muita importância. Ele era uma espécie de professor Ronaldo (*refere-se ao professor Ronaldo Salgado, orientador desta revista, que estava presente no momento da entrevista*), era até meio parecido, cabelão, usava chapéu, mas o Birra andava com uns paletós pretos de lã, em pleno Caribe! E o discurso dele era muito poético, era o discurso da liberdade artística, de dizer que era uma escola aberta às intempéries do mundo, aberta aos ventos e furacões, porque Cuba é sujeita a furacão. Então, ele garantiu que aquela não iria ser uma escola careta.

Teve uma menina, a Cristina Tivalle, que já era jornalista quando entrou na escola. O primeiro exercício de documentário dela (*Todos los Hombres son Mortales*) foi sobre o que iria acontecer quando Fidel morresse. Era o tipo de documentário que nenhum cubano ia ter coragem de fazer. Ela faltou apanhar em Havana, só por perguntar isso: “E quando o Fidel morrer?” O Amaury (*Cândido Bezerra, jornalista cearense*), que é daqui e foi para Cuba com a gente também, fez um documen-

No voo de ida para a inauguração da escola em Cuba, Jane conta que sentou logo atrás do cartunista Zivaldo. Ele teria, então, implicado um pouco com a estudante dizendo que ela teria conseguido a vaga por ser “bonitinha”.

tário sobre a prostituição, e também ninguém falava sobre existir prostituição em Cuba. As *gineteiras*, como são chamadas. A gente foi uma espécie de cunha (*pedaço de ferro ou de madeira que se coloca numa abertura para diversas finalidades*) internacional, porque a área da escola era considerada uma área de embaixada, uma área internacional. O governo cubano nos acolhia, acolhia esse projeto, mas dentro da escola eles não tinham jurisdição. Claro que existia uma diplomacia, até hoje a responsabilidade do diretor da escola é fazer essa ponte, porque os alunos não são santinhos, sabe? De jeito nenhum! Acontece todo tipo de insubordinação que se possa imaginar. Gente, né?

Sarah – Você tinha falado que lá havia várias pessoas de diferentes jeitos, diferentes tipos. Como era a sua relação com as pessoas que estudavam na escola e com as que você conheceu lá?

Jane – Era boa, sabe? Eu era uma pessoa de boa índole. Uma menina *véia*. Se vocês verem as fotos... Eu era muito sorridente! O médico da escola, doutor Maximo (*Luz Maximo Hernandez*), dizia assim: "Você é o meu termômetro, porque, se você não estiver sorrindo, é porque tem alguma coisa errada aqui acontecendo." (*risos*) Porque eu ria o tempo todo.

Rafael – Por ser um país fechado, teoricamente fechado, como era a sua comunicação com o mundo? Como você ficava sabendo das notícias sobre o que aconteceu no país, o que aconteceu no Brasil e até nos Estados Unidos? E você também ia muito para cinema. Qual o tipo de filme que passava? Havia filmes americanos?

Karine – Só um instante. Ele perguntou sobre as notícias em geral. Você procurava saber notícias sobre o Brasil?

Jane – Não. Na época em que eu fui estudar lá, uma carta demorava três meses para chegar. Quando você mandava uma carta de Cuba para o Brasil ou do Brasil para Cuba. Eu acho que recebi duas cartas quando eu estava lá (*passou quatro anos estudando em Cuba*).

A comunicação rápida que havia na época era o Telex (*sistema internacional de comunicações escritas que prevaleceu no século XX*). Tinha um Telex na escola, que era um negócio que vai saindo uma fitinha com uns furinhos assim (*imita o som de uma máquina*). Era a comunicação rápida! E o telefone era o seguinte: tinha uma telefonista, que eu tinha *mó pena da póbi*, a Marioles, que ficava lá quando você queria fazer uma ligação. Por exemplo, eu ia ligar para a minha família nes-

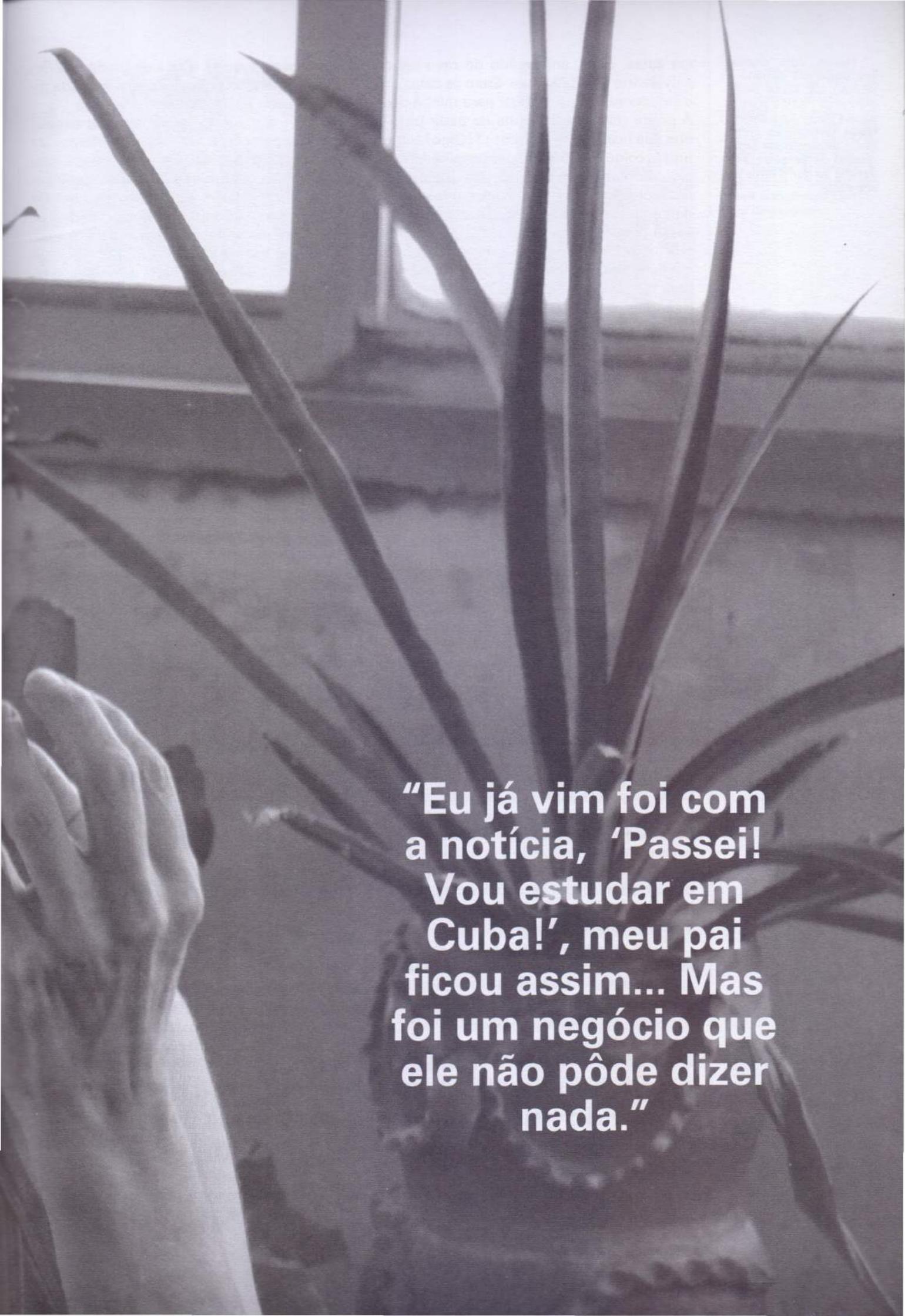
"Hoje aqui em Fortaleza tem vários cursos que eu faria tranquilamente: estilismo, paisagismo, cinema(...), mas na época não tinha. A opção era sair daqui."



A sala de cinema da Casa Amarela foi a primeira opção de local para a entrevista. Chico Célio, atual coordenador da Casa Amarela, foi muito solícito tentando ajudar a reservar um espaço na Casa, mas o cinema estava em reforma e a acústica das salas era um problema.

A produção não queria que a entrevista ocorresse na UFC. As meninas tentaram reservar o teatro universitário, o Cineteatro São Luiz, a Casa Amarela, mas nada deu certo. Próximo à data da entrevista, Jane Malaquias ofereceu a própria casa para receber os estudantes.





“Eu já vim foi com a notícia, ‘Passei! Vou estudar em Cuba!’, meu pai ficou assim... Mas foi um negócio que ele não pôde dizer nada.”

Houve uma discussão acalorada durante a reunião de pauta desta entrevista. Vários participantes da revista tinham ideias divergentes sobre como deveriam ser organizados os temas e como deveria se dar o fluxo da entrevista.

tas datas: natal, aniversário do meu pai ou aniversário da minha mãe. Eram as datas que eu inventava que eu ia ligar para minha casa. A pobre (*telefonista*) tinha de pedir uma linha. Ela ficava horas assim: : "¿Oigo?, iinte!, iinte!, ¿oigo?..." (do espanhol: *alô? Internacional! Internacional! Alô?*) Até que alguém de Santo Antonio de los Baños, a telefonista da central telefônica, atendesse, que a passasse para a central de Havana para conseguir uma linha. Era uma sala de espera de dentista a cabine telefônica da escola. Era só uma telefonista, você abria a porta e tinham três, quatro, cinco pessoas esperando para falar e sabia que cada pessoa daquela ia demorar uma hora para conseguir uma chamada. Então, eu desistia. Desistia mesmo! E foi bom, porque eu aprendi que eu podia viver sem notícia. Hoje em dia eu não faço nem questão. Não tenho televisão em casa. Eu não leio jornal. Não faço questão, porque me deprime quando eu vejo um jornal, quando eu vejo certas notícias eu fico profundamente deprimida.

Rafael – E o cinema lá. Passava que tipo de filme?

Jane – Não, eu não ia para cinema. Os filmes que eu assistia era na escola, tinha uma programação de cinema para a gente. Em Havana eu ia mais para ver teatro, dança, esse tipo de coisa, festival de música...

Ingrid – A vida cultural era vibrante em Havana ou era algo mais restrito? Só algumas pessoas tinham acesso ou era algo difundido na população?

Jane – Isso é bacana! Os eventos culturais que aconteciam eram eventos para todo mundo. Claro que tem aquelas coisas que são para turista, tipo o *Cabaret Tropicana*. No *Cabaret Tropicana*, você tem de pagar para entrar e assistir àquele show de *Sargentelli*, das mulatas de *Sargentelli* (refere-se ao radialista, apresentador de televisão e empresário brasileiro *Oswaldo Sargentelli, 1924-2007*) dançando com aquelas roupas, aquelas coisas todas. Mas, se não, lá isso é muito democrático, era barato e tinha uma oferta.

Thais – Jane, a escola surgiu já em um período de início da crise na União Soviética e Cuba recebia apoio da União Soviética. Com os anos de estudo, você sentiu alguma

diferença na escola? (*Crise da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, dissolvida totalmente em 1991*)

Jane – Foi, foi. No último ano da escola, a gente começou a ver o racionamento. De quatro ônibus por dia, passou a ser só um. Então, era o ônibus que levava os trabalhadores que moravam em Havana no fim do dia. O motorista dormia em Havana e, de manhã, o ônibus voltava para a escola. Ir para Havana se tornou complicado, porque você tinha de ter onde dormir lá. A alimentação foi ficando cada vez mais restrita. E a gente já tinha uma alimentação privilegiada em relação ao que os cubanos estavam podendo comer no dia a dia.

E teve toda aquela crise dos irmão Ochoa (*tendo à frente o general Arnaldo Ochoa Sánchez, com o envolvimento com o tráfico de drogas*), do envolvimento da alta hierarquia cubana com o tráfico de cocaína, que a guerrilha salvadorenha estava sendo financiada com dinheiro do tráfico e também a guerrilha da Nicarágua, do Panamá. Então teve todo esse julgamento, um julgamento público. Fidel discursando horas e horas na televisão. Mas o dinheiro da droga estava servindo para isto: financiar movimentos independentistas, guerrilhas e tudo mais.

Rose – Você teve toda essa experiência e depois teve de voltar para o Brasil. Como foi que tudo isso afetou no seu trabalho? Como foi chegar ao Brasil e ter de começar a trabalhar com audiovisual, com cinema, trazendo toda essa carga? Como era o mercado aqui no Brasil?

Jane – Não era no Brasil, era em Fortaleza... Você chega e não sabe muito o que vai fazer. A nossa referência era a Casa Amarela. A gente deu aula na Casa Amarela, eu e o Moura (*Marcus Moura, outro cearense que estudou em Cuba*). A gente deu cursos de roteiro e de direção. O Tibico Brasil (*cinasta e fotógrafo*) foi até aluno da gente. Até hoje ele me chama de professora. E toda vez que me encontra é: "Minha professora!" E eu: "Pô, Tibico, vamos mudar de assunto" (*risos*).

Eu ganhei um edital nacional para fazer um média-metragem em vídeo de ficção, chamado *Azul caixão de anjo*. Teve esse alento. Consegui, um ano depois de chegar de Cuba,

Jane lembra que foi reprovada na escola no mesmo ano em que foi aprovada no vestibular. Fez uma prova de recuperação e conheceu um rapaz que estava na mesma situação que ela, e os dois conversaram muito. O nome dele era Jânio. Ela nunca mais o viu.

"Se aquele avião caísse ia ser uma desgraça pior do que o avião que matou os Mamonas Assassinas, ou aquele que matou o Edson Queiroz."



Jane fez parte da primeira turma da Oficina de Quadrinhos da UFC, organizada pelo professor Geraldo Jesuino em 1985. Ela é citada na entrevista com o professor Jesuino, da Revista Entrevista nº 34, como umas das primeiras mulheres a participar do projeto.



ganhar um edital para fazer um primeiro filme. Mas eu estava só esperando a chance de ir embora. Fiz uns curtas, fiz o primeiro curta do Karim Ainouz (*diretor de cinema e artista visual brasileiro. Além de O Preso, Jane também fotografou outros curtas de Karim, como Seams, Paixão Nacional e Rifa-me*) O prisioneiro ou é O preso, não sei. Então, apareceu uma oportunidade de eu trabalhar em um documentário do Orson Welles (*diretor de cinema norte-americano, 1915-1985*),

“O roteiro é um quebra-cabeças que a gente vai montando, é uma coisa muito lúdica (...) Você monta e remonta aquilo.”

uma obra do Orson Welles que tinha ficado incompleta (*refere-se ao filme It's all true*). Eu fui fazer assistência de câmara para um fotógrafo. Foi muito bom, porque eu ganhei em dólar. Com esses dólares eu fui para São Paulo e consegui viver uns seis meses com o dinheiro de um trabalho que não durou nem 15 dias. Eu fui ficando em São Paulo. Fiquei dois anos.

Ingrid – Você morou um tempo na França. Como foi que surgiu essa vontade de morar lá?

Jane – Porque eu me apaixonei por um francês (*risos*). Eu conheci um francês que estava no Brasil como assistente de câmara do Ricardo Aronovich (*diretor de fotografia argentino conhecido por trabalhar em diversas produções francesas*), que tinha sido meu professor em Cuba e estava dando uma oficina em Brasília pela UNB (*Universidade Nacional de Brasília*). Fui lá fazer e me apaixonei pelo assistente de câmara (*Olivier Le Gurun*). A gente passou dois anos namorando por carta, telefone... Ele veio de novo para o Brasil em um segundo curso do Ricar-

Logo que chegamos, Jane pediu que todos tirassem os sapatos e os deixassem nos tapetes. Ela temia que pudéssemos pisotear um filhinho de gato que seria da mesma cor do piso. Todos se sentiram mais à vontade por poderem estar descalços na casa.

Jane recepcionou a turma com uma mesa cheia de frutas e chocolates. Após a realização da entrevista, algumas fotos foram tiradas para recordação quando todos os doces já haviam desaparecido.



Como fotógrafa experiente, Jane sugeriu onde ela mesma deveria se sentar para que as fotos da entrevista tivessem a melhor iluminação possível.

do Aronovich, de novo em Brasília. Praticamente, os mesmo alunos do primeiro curso foram convidados a participar do segundo. A gente voltou a se reencontrar, o que eu digo que foi o segundo melhor dia da minha vida. O primeiro foi quando eu passei para Cuba. O segundo foi quando eu encontrei o homem que eu achava que era o grande amor da minha vida, o príncipe encantado. Eu não tinha dinheiro para ir para a França nem tinha coragem de chegar para o meu pai e dizer assim: "Me pague uma passagem internacional para eu encontrar um namorado na Fran-

ça". Então, ele me convidou: "Você não quer ir para a França? Não dá certo a gente ficar dois anos desse jeito".

Rose – Mas você morou na França, no Brasil, em São Paulo, Recife e trabalhou em alguns outros países. Como é trabalhar com cinema na França e aqui? Como você percebia a diferença?

Rafael – Principalmente, porque a França é uma Meca do cinema para críticos do cinema e para realizadores também. Como foi a experiência lá?

Jane – Sim... Olha, foi muito frustrante.

“Enquanto eu estava lá em Cuba eu tentei cavar alguma bolsa, alguma coisa para eu ir para outro canto, mas não *rolou* e eu voltei para Fortaleza, e, assim que eu pude, eu fui embora.”

Foi enriquecedora, por um lado. No trabalho de assistente de câmera, que era o que eu fazia lá – eu não trabalhava lá como diretora de fotografia, era ou assistente de câmera ou segunda assistente de câmera – adquiri muito conhecimento, do ponto de vista técnico, que hoje em dia nem posso usar, porque ninguém filma mais em 35mm ou 16mm, nem super-8mm nem nada. Mas, do ponto de vista da relação humana, foi terrível, muito frustrante. A França foi um choque cultural no mal sentido. Se Cuba foi um choque cultural maravilhoso – eu descobri a América Latina, descobri meus irmãos latino-americanos, a cultura latino-americana –, na França eu descobri o preconceito contra o suposto Terceiro Mundo (*expressão usada para caracterizar países em desenvolvimento ou países pobres, até o final do século XX*). Até do meu próprio marido, do meu querido maridinho, era o primeiro a me botar para baixo, sabe? De ficar dizendo: “Não, a sua escola não é tão boa. A minha é melhor que a sua!” (*fala imitando uma voz arrogante*). Eles são muito competitivos. É uma galera que em um set de filmagem gosta de ficar dizendo quem está fazendo algo errado. Parece até aquele... Não tem o desenho animado *Corrida Maluca*, que tinha o cachorrinho que ficava dizendo: “Medalha! Medalha! Medalha!”? Pois é... A equipe de cinema francês é bem isto: aquele bando de subordinados querendo ganhar medalha dos chefes. Como é que eles ganham medalha do chefe? Deveria ser fazendo bem o seu trabalho, mas não, é dizendo o que o outro não está fazendo bem.

Thaís – Jane, eu li no seu *blog* que você fez uma Calunga para o Maracatu de uns amigos na França.

Jane – Ela está aqui! Ela voltou para mim ano passado.

Thaís – Legal! De onde veio esse contato com a cultura africana, talvez até afro-brasileira pela mistura das culturas?

Jane – Olha, engraçado... A primeira vez que eu fui em um terreiro de umbanda foi com o Eusélio Oliveira (*cineasta cearense que idealizou e esteve à frente da Casa Amarela até ser assassinado em 1991*). A mãe do Eusélio Oliveira era mãe de santo. E ela tinha um terreiro, dona Teté. Muito parecida com

ele, uma mulher alta, de cabelo branco, uma senhora... Se Eusélio tinha 50 anos quando eu o conheci, ela deveria ter 70, talvez, senão mais. Então, o primeiro terreiro de umbanda que eu fui foi o de dona Teté. Depois, eu fui a vários terreiros, por causa de trabalho mesmo ou por curiosidade. E a minha família é baiana, e baiano tem essa proximidade com candomblé... E em Cuba também. Um amigo, cubano mesmo, que eu tinha, o Hélio Ruiz, que hoje vive no México, era do candomblé. Ele falava muito dos orixás, me dava livros para ler... Uma vez, a gente foi para um barzinho lá – em Cuba tem uns bares meio subterrâneos –, em uma avenida chamada *La rampa*, era uma ladeira, e a gente estava no maior papo de orixá e começou um *toró* lá fora e a água entrou e inundou o bar. E a gente naquelas cadeiras de bar e a água vindo e ele dizendo: “*Tu vês, niña? Tu eres de lemanjá! Es lo que te digo! Mira las señales, las señales!*” Essa dimensão mágica está sempre presente na minha vida.

Ingrid – Você falou dessa dimensão mágica. Você acha que isso se reflete no seu trabalho, nas suas obras?

Jane – *Claaaaaaro!*

Ingrid – Mas de que forma?

Jane – Eu tenho muita liberdade com a linguagem cinematográfica. Eu acho que a imaginação tem de ser livre. Não tenho nenhum interesse de retratar a realidade como é ela. Eu quero mostrar uma realidade transfigurada, imaginada. Então, acho que todos os meus filmes têm um pouco disso. Por exemplo, o *Azul caixão de anjo* conta a história de uma criança que vai para um programa de televisão, um desses programas que exploram a pobreza. O apresentador está com audiência baixa, resolve inventar uma doença grave para um menino, uma doença mortal. Arrecadam bastante dinheiro, fazem aquela festa toda e entregam um cheque para o menino. Aí, vão comemorar em uma lanchonete. O menino come tudo o que ele queria: coxinha, empada, bolo, *milk shake*; tem uma congestão e morre. Então, o enterro da criança é televisionado. Vem o apresentador e filma o enterro. Como era um programa de auditório, todos os personagens, o júri do programa de auditório, vão para o

Caramelo, um dos muitos gatos de Jane, se mostrou bastante curioso. Conseguiu abrir o flash da mochila do nosso fotógrafo, Saulo Roberto, e enfiou a cabeça na bolsa para ver o que havia lá dentro.

Os gatos de Jane estiveram presentes durante toda a entrevista. Anxelozinho, um gato branco, exigiu carinho e atenção da nossa entrevistadora Ingrid Pedrosa, enquanto outro, o gato que apareceu nas fotos com Jane e Thaís, pulou no meio dos nossos gravadores para chamar atenção da dona.

A entrevista foi dividida em três blocos: a relação com a arte, o período em que estudou em Cuba e Jane atualmente e planos para o futuro. O tempo do bloco inicial da entrevista ficou pequeno quando percebemos quão intrínseca é a relação de Jane com a arte.

“Eu não julgo Cuba porque eu sei que é difícil, eles fizeram uma coisa grandiosa e, ao mesmo tempo, nenhuma ditadura é saudável.”

funeral do menino. Gente, quem está nesse filme? (*risos*). A Luizianne Lins (*ex-prefeita de Fortaleza, capital do Ceará*), fazendo papel de *miss* e de jurada; está o Eusélio Oliveira, fazendo o papel de padre; está o Francis Vale (*cinasta*), fazendo o papel de “doutor”, o político corrupto que se apoia no apresentador; o Rodger Rogério (*músico e compositor cearense*), que faz o papel do apresentador; a Ângela Borges (*publicitária, trabalhou na TV Cidade, na Rede Manchete, foi coordenadora de imprensa do Governo do Estado, na gestão Ciro Gomes, além de realizar diversas campanhas em agências publicitárias, como a Scala Publicidade e a Press*), faz o papel da diretora malvada do programa, que cobra audiência do pobre coitado do apresentador. Então, tem várias figuras daqui da cidade. O menino morre, de novo é explorada a figura do menino. Um ano depois, está a cova do menino cheia de devotos, pessoas fazendo promessa, um homem lançando um disco com a música *Paulinho foi pro céu*. O filme termina com um programa de rádio em que o Eusélio está falando que o Paulinho está no céu e não sei o quê... Isso no programa de rádio do padre. O Eusélio era um padre que tinha um programa de rádio. Enquanto isso, a gente vai vendo imagens do cemitério onde as crianças, os anjinhos, vão saindo das sepulturas e dançando no cemitério. Termina assim: com todas as crianças que estão enterradas no cemitério ressuscitando e fazendo a maior brincadeira.

Rafael – Você acha que o *No passo da vóia* (*drama, curta-metragem, 2002, 15min*) tem essa pegada mágica também? Porque, para mim, ele pareceu mais um realismo social.

Jane – Ele tem pegada mágica nos bastidores. Por exemplo, a dona Neném, que fez o papel da velhinha, foi uma senhora que não casou, não teve filhos, então não teve netos. Ela casou, sim, mas já estando no asilo dos velhinhos. Fizeram o casamento dela com outro velhinho e isso saiu até na (*Rede*) Glo-

bo. Ela era famosa lá em Aquiraz (*cidade da região metropolitana de Fortaleza*) e não sabia. Então, tem uma cena em que ela oferta o presente que ela comprou para o neto. Ela vai dar um desodorante para o neto. E eu disse assim: “Dona Neném, eu queria que a senhora dissesse algo para o seu neto, fizesse uma dedicatória. O que a senhora vai dizer para ele?” Porque era tudo muito meio no improviso. A dona Neném disse: “Eu fiz um poema para um neto imaginário” e esse poema está lá no filme: *Meu neto tu és um encanto/ Tu acabas de nascer/ Eu tenho sofrido tanto/ Que estou farta de viver/ O tempo que vai passando/ Vai me matando sem dó/ Só tu consegues sorrindo/ Dá-me alegria do sol*.

Eu não me lembro mais o resto, mas é mais ou menos isso. Isso, para mim, é mágico, sabe? Você chama uma pessoa para fazer um papel de avó e ela tinha um poema de um neto imaginário.

Karine – Jane, a Thaís fez uma pergunta diretamente relacionada à espiritualidade, sobre seu contato com as religiões africanas... Você se considera adepta de alguma religião?

Jane – O *Janismo* (*dá uma gargalhada e respira fundo, organizando os pensamentos*). É... Eu acho que sou a sacerdotisa, monja, a *monga*... Às vezes, eu fico dizendo que essa casa é um *mongastério*, é o meu monastério, com os meus gatinhos. Eu brinco muito. Eu tenho duas vidas: a vida do dia a dia e a vida do faz de conta. Desde criança eu sou assim, eu vivo na fantasia. Na minha cabeça, eu sou um personagem, eu tenho vários personagens. Um dos personagens é a Jane monja tibetana. Não tibetana, mas a pessoa que fica meditando sobre a consciência, sobre o que é a vida, a morte, a bondade, a beleza... Eu sou uma pessoa muito ambiciosa, porque eu quero essas três graças: a beleza, a bondade e a sabedoria. Eu digo assim: “O meu voto é de defender a vida. Onde eu estiver haverá sempre vida, haverá planta (*aponta para a roseira em um jarro atrás da cadeira*), haverá bichinho (*faz referência aos gatos que cuida*). Eu vivo em um mundo fantasioso, eu tenho a minha fantasia em que eu imagino que estou sendo entrevistada pelo Jô Soares (*Apresentador de tv e escritor*) (*risos*), que sou muito famosa, imagino o que eu vou fazer quando eu ganhar na loteria...

Rose – Mas você já sentiu alguma diferença no tratamento por ser mulher no mercado de cinema, por ser mulher *freelancer*?

Jane – Eu senti diferença no tratamento na França por eu ser brasileira, não por eu ser mulher, porque lá tem muita mulher trabalhando no cinema. Inclusive, minha ex-cunhada é diretora de fotografia. No Brasil, eu

A cineasta teve a primeira experiência com cinema ainda na escola, por volta da sétima série. Jane lembrou que a professora pediu que os alunos produzissem um filme em câmara super 8. A equipe dela escolheu uma história sobre um assalto a banco.

digo que sou *mulher bofe*, porque eu não me acho diferente de um homem em nenhum sentido, nem de força física, nem de inteligência, nem de linguagem, nem de *porra* nenhuma. Quando eu estou em uma situação de hierarquia de dentro do cinema, se eu sou assistente de câmera eu faço o que um assistente de câmera tem de fazer, eu obedeco ao meu chefe. Se eu estou em uma posição de diretora de fotografia, quando eu sou uma chefe de equipe, eu trato as pessoas bem, explico o que eu quero que elas façam, eu respeito a maneira que cada um tem de fazer as coisas. Eu tenho uma atitude respeitosa no trabalho, eu não gosto de grito. Eu acho que onde eu trabalhei como diretora de fotografia foi legal, foi sempre uma relação muito boa. Nunca tive problema.

Sarah – Você se mostra muito independente. Queria sair de casa, mas não tinha salário suficiente para se autossustentar. E a gente viu na pré-entrevista que você disse que a sua mãe casou e ficou acomodada. Como foi que você construiu essa independência, essa vontade de ser autossustentável?

Jane – *Rapaz*, eu ainda estou construindo. Eu ainda não sou autossustentável.

Alana – Teve algum momento em que você se percebeu pensando: “Agora eu quero ser independente, não quero me acomodar”?

Jane – Não. Quero ser independente desde que eu era criança, que eu era obrigada a dormir sete horas da noite, não podia tomar sorvete, não podia comer pipoca, porque eu tinha problema de garganta. Eu me operei das amígdalas com cinco anos de idade. Até lá eu era uma criança muito doente, muito doente mesmo, era injeção quase todo dia, era febre. Então, nunca gostei que ninguém mandasse em mim, que uma pessoa decidisse: “Você vai fazer isso!” E eu dizia: “Por quê?” “Porque eu quero”. Isso para mim não era resposta. Eu sempre batia de frente com meus pais nessa questão da autoridade, do autoritarismo e, por isso, eu não queria família, porque eu achava que o ambiente familiar era uma pequena ditadura. “Um adulto, um pai tem direito a bater em uma criança”, isso eu acho um absurdo. Desde criança, eu era revoltada com isso de que alguém pudesse bater em mim ou pudesse me ameaçar. Quando minha mãe dizia: “Vou lhe dar uma surra!”, aquilo já era a surra, a violência da palavra.

Essa semana mesmo eu presenciei uma cena na (*agência*) lotérica. Tinha uma mulher lá que falava com a criança, e essa criança toda magrinha, toda agarrada nela, criança bem boazinha, e ela falava com o menino assim: “Olhe! Se comporte, viu? Senão vou lhe encher de porrada! Vou lhe dar dois murros!”

“A gente voltou a se reencontrar, o que eu digo que foi o segundo melhor dia da minha vida. O primeiro foi quando eu passei para Cuba.”

Na frente de todo mundo. A criança não estava fazendo absolutamente nada. Eu comecei a olhar para a criança para ver se tinha marca de maltrato. Eu fiquei muito mal mesmo, vendo aquilo. Meu Deus, o que a gente faz em uma situação dessa? Porque se eu fosse falar com a mulher, dissesse: “Minha senhora, isso não é maneira de tratar uma criança”, era capaz de ela tratar mal a criança só para dizer: “Eu posso, porque eu sou a *dona* da criança”. Então eu fiquei calada, ficou um ambiente em silêncio com todo mundo olhando. Eu espero que ela morra só do ódio que eu senti por ela naquele momento! Eu espero que as minhas ondas de sacerdotisa atinjam aquela mulher (*rindo*). Depois eu fiquei pensando: “Será que era de verdade aquilo? Será que essa pessoa não é capaz de externar carinho em público por uma criança? Será que tem adulto que não é capaz de chamar uma criança de meu amor, prefere dizer: ‘Comporte-se, senão eu lhe dou uma surra’ para uma criança de cinco anos?” Eu sou uma criança revoltada até hoje. Essa coisa da autossustentabilidade tem a ver com ninguém dar pitaco na minha vida, ninguém dizer que eu devo fazer isso ou devo fazer aquilo.

Alana – Jane, o que você está fazendo agora? Pode ser tanto profissionalmente como em relação às escolhas que você tem tomado na vida pessoal. Como você se enxerga hoje?

Jane – Eu estou em um momento de repensar minha vida profissional. Não que eu vá abandonar o cinema. Eu tenho um filme para finalizar, um longa metragem que eu captei em 2009. Foi uma loucura, porque eu captei por 160 mil reais, foi uma coisa de guerrilha mesmo. Conseguí editar e dá até para assistir. Fiz duas sessões de cineclube aqui em Fortaleza, com o cineclube Refluxus, da UFC, e com o cineclube Comeram Minha Pipoca, da Unifor (*Universidade de Fortaleza*). Eu tenho esse filme para finalizar, por isso eu digo que não vou dar um pé na bunda do cinema

Ainda na infância e juventude, Jane Malaquias também fez alguns cursos de dança. Ela conta que via ritmo em tudo e adorava imitar as bailarinas que passavam na televisão. Aprendeu a ficar na ponta do pé sozinha e dançava até ao som de uma partida de futebol.

No meio da entrevista, um outro gato gostou da sapatilha da entrevistadora Alana Lins e passou a brincar com o calçado ao próprio modo. Quando Alana não souber onde está a sapatilha ela já pode dizer: “O gato comeu!”

A EICTV foi inaugurada em 15 de dezembro de 1986 com o apoio do escritor e jornalista colombiano Gabriel García Márquez, o poeta e cineasta argentino Fernando Birri, o pesquisador cubano Julio García Espinosa e também o cineasta e publicitário brasileiro Sérgio Muniz.

agora. E eu tenho o trabalho de diretora de fotografia que eu amo muito e podem me chamar que eu vou. Mas o cinema é muito ingrato, porque tudo dura muito tempo para acontecer. Por mais talentoso que você seja, por mais esforçado que você seja é muito dinheiro (*para produzir um filme*) e brasileiro depende de dinheiro público. E as coisas estão sendo feitas de um jeito que só beneficia quem já tem uma estrutura grande e quem é do eixo Rio-São Paulo. O audiovisual é um gozo eternamente adiado, você nunca vê o resultado daquilo, enquanto um poeta pega o papel, escreve um poema e aquele poema pode durar séculos, um pintor pinta um quadro que pode durar séculos também. Então, eu estou a fim de uma coisa mais imediata, estou voltando às origens.

Eu estou voltando a desenhar, quero voltar a pintar, quero fazer coisas bonitinhas e baratinhas para as pessoas comprarem e levarem para a sua casa. Eu estou repensando minha vida. Estou lendo sobre paisagismo, porque eu gosto muito de planta, e eu descobri que o paisagismo tem os mesmos princípios da cenografia, da fotografia, trabalha com luz, trabalha com perspectiva, com pontos de vista, com ângulos. Eu digo: "Nossa! Estou em casa aqui!" Continuo tocando coisas, ainda estou trabalhando com o audiovisual, dando aula, mas estou repensando minha vida profissional.

Karine – Jane, a gente viu no material de produção que, como você trabalhou como *freelancer* a maior parte da vida, você não tem aposentadoria. Você não tem medo disso, de não ter uma segurança financeira?

Jane – É um risco calculado, na verdade. Aí, entra o lado malandro, a malandragem. Porque o meu pai, como foi uma pessoa muito previdente na vida dele, deixou um patrimônio para a família. Esse apartamento que eu moro não é meu, eu nunca tive dinheiro para comprar nem para pagar o aluguel de um apartamento desse, mas eu moro aqui de graça... Eu estava em Brasília, chegou o momento em que o casamento estava acabando (*o segundo casamento, com um brasileiro*), e mesmo a situação de trabalho em Brasília não estava muito legal, então voltei para Fortaleza, porque eu sabia que aqui eu tinha esse porto seguro. O que eu pensei da minha vida quando eu terminei a escola de cinema como plano de carreira não deu certo, porque eu pensava assim: "Do que vive um artista? Ele vive do direito autoral".

O ideal seria você produzir ao longo da vida longas, curtas, documentários, depois você vai viver do direito autoral. Você consegue, enquanto está na ativa, ganhar um prêmio grande, porque existem bons prêmios no

cinema, sei lá, de 300 mil reais em um festival de Brasília ou no festival Paulínia de cinema brasileiro, esses festivais milionários. *Porra!* Para mim bastava ganhar um prêmio de 60 mil e já estava bom demais, porque você compra uma casinha, não tem de pagar aluguel. Eu vivo com muito pouco, na verdade. Não sou uma pessoa gastadeira, por isso que eu digo que sou uma monja, sabe? Eu compro roupa em brechós, roupa de um real, dois reais. O meu luxo esses dias são esses gatos. Eles que me impedem de me acomodar, porque todo mês eu tenho de ganhar uma grana para pagar a ração, a areia e o remédio deles. Fora isso, eu vivo com muito pouco. Eu pensava em viver do direito autoral quando eu chegasse em uma idade que eu quisesse me aposentar. Viver assim: alguém me chamando para dar uma aula magna no (*Instituto*) Dragão do Mar, ganhando dois mil reais por uma aula, mas o pessoal não me chama. Fazer o quê? (*Risos*).

Rose – Jane, agora Fortaleza tem graduação em cinema. E você está falando que foi, para você, um risco calculado, mas muita gente não tem esse apoio, está vindo do interior com o sonho de fazer cinema. Como você vê a perspectiva do cinema aqui em Fortaleza para essas pessoas?

Jane – Olha, o audiovisual é um campo muito grande. Dentro do que é audiovisual você pode fazer muitas coisas: filmar casamento, fazer institucional, *book*, publicidade, videoarte, muita coisa. E pode fazer o que muita gente faz, um concurso, ter um emprego certo, que garanta seu sustento, e você vai fazendo seus filmes autorais, suas histórias, por fora, a medida do possível. O Kleber Mendonça, que está com *Aquarius* aí (*diretor do filme*), é crítico de cinema, trabalha em jornal, é programador da Fundação Joaquim Nabuco (*Instituição cultural do estado de Pernambuco*). Ele tem outros trabalhos, ainda não vive do cinema. Pode ser que ele venha a viver do cinema, no sentido dos filmes que ele dirige, mas até o segundo longa dele agora, *Aquarius*, ele vive da Fundação Joaquim Nabuco, do jornal que ele escreve, das colunas. Ganhar vida é uma coisa e fazer arte é outra, de certa maneira. É difícil ganhar a vida fazendo arte.

Ingrid – Você falou no meio da entrevista que, para os seus pais, arte era *hobby*. O que a impede de procurar esses meios de renda menos artísticos? É não transformar arte em *hobby*?

Jane – Não, não. Eu não tenho preconceito com nenhum trabalho. O que eu não aguento é ficar em um trabalho indo todo dia bater ponto, de tal hora a tal hora. É este o meu problema: não consigo é trabalhar todo

O objetivo da escola de cinema de Cuba era proporcionar a estudantes da América Latina, África e Ásia um espaço que unisse a formação teórica, a prática e o debate sobre as artes audiovisuais. Somente a partir de 2000, a escola abriu as portas para estudantes de qualquer nacionalidade.

dia em um mesmo lugar, fazendo a mesma coisa, esperando chegar as férias, feriado, 13º (salário). Eu prefiro esta insegurança: um mês estar feito louca, pedindo dinheiro emprestado, vendendo minhas coisas; no outro mês, você ganha uma bolada, se sente rica, você viaja e tal... Tem gente que não consegue viver desse jeito. Eu não consigo viver é indo todo dia para o mesmo canto. Fiz a experiência e não gostei. Eu trabalhei quase dois anos na Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, na Massangana, que é a produtora de vídeo da fundação. Eu era coordenadora técnica, coordenava uma equipe de câmera, editor, eletricitista, técnico de sonorização, mas eu não estava feliz nesse tipo de coisa, porque, às vezes, não tinha nada para fazer e eu tinha de estar lá. Eu queria estar era em Olinda (risos).

Rafael – Ainda tem expectativas reais de que o longa vai ser finalizado?

Jane – Tenho! Eu estou tomando coragem, porque eu tentei editais, tentei me associar com uma menina de Recife, mas chegou a época da Copa e ninguém dava dinheiro

para filme. Era muito difícil você conseguir um edital de finalização nessa época da Copa do Mundo (refere-se à *Copa do Mundo da Fifa de 2014*). A menina de Recife, Deborah Brennand (Deby Brennand Mendes, cineasta), neta do Francisco Brennand (artista plástico recifense), desistiu. Agora eu estou me associando com o Clébio Viriato, o diretor do *Gato Preto* (filme *A lenda do gato preto, 2015*), porque o Clébio é um produtor, ele tem um perfil de produtor. Eu tenho um perfil de produtora, mas aquela produtora que coloca a mão na massa. O meu filme foi possível porque eu fiz produção de elenco, de locação, de objeto, de figurino, eu contratei todo mundo, ou seja, eu fui uma produtora, negocieei com cada pessoa o quanto ela iria ganhar, fiz um cronograma de filmagem que coubesse em cinco semanas, reescrevi o roteiro todo para ele ser viável. Eu tenho esse perfil de produtora. Agora, ficar indo atrás de políticos, secretário de cultura, ficar indo babar ovo de político, eu não tenho esse perfil. Não quer dizer que o Clébio seja... (risos). O Clébio é muito antenado e ele sabe fazer es-

Em 1991, com a dissolução da União Soviética, Cuba perdeu apoio econômico e entrou em crise devido ao bloqueio econômico dos Estados Unidos. Em 2014, as relações diplomáticas entre estes dois países começaram a ser reatadas, mas o embargo econômico continua.



“Se Cuba foi um choque cultural maravilhoso – eu descobri a América Latina, a cultura latino-americana – na França eu descobri o preconceito contra o suposto Terceiro Mundo.”

Quando descobrimos que Jane estudou em Cuba no final dos anos 1980 imaginamos que poderíamos encontrar uma militante socialista, mas conhecemos uma mulher com afinidade com as causas sociais, mas sem muito interesse em organizações partidárias.

Encantado pela amiga, Kiko Bloc-Boris revela ter notado uma "vivacidade solar mais intensa" em Jane, após o retorno dela de Cuba. E diz que isso pode ser visto no legado musical e de molejo que ela demonstra ao dançar, por exemplo.



"Eu tenho duas vidas: a vida do dia a dia e a vida do faz de conta. Desde criança eu sou assim, eu vivo na fantasia."

sas coisas, sabe conseguir o apoio do governador, do *fulaninho*, do *sicraninho*. Ele gosta do meu filme e disse que quer me ajudar, que quer correr atrás comigo dessa finalização.

Eu estou tomando coragem, porque a frustração é muito grande. Você tenta um edital... Por exemplo, o edital Mecenass daqui é ridículo, ele habilita para ir atrás de um empresário, que pela renúncia fiscal bote dinheiro no filme. A última vez que eu tentei o Mecenass eles não habilitaram o projeto, nem nenhum projeto de fazer filme, nem finalizar filme, e fizeram tudo errado, de atropelar datas, de publicar resultados sem datas para você entrar com recurso. Você dizia assim: "Eu quero saber o parecer que meu projeto teve para eu entrar com um recurso" Eles não forneciam. Eu entrei com um recurso baseado só nos absurdos que eles fizeram em relação ao edital mesmo, de não obedecer às datas – por exemplo, eles anteciparam o resultado do cinema para poder dar o resultado durante o festival de cinema – e não baseado na nota que eu meu projeto teve, por-

que era um projeto que, *porra*, como é que não aprova esse projeto? Era um projeto de finalização, o filme estava *rodado*. Entrei com o recurso desse jeito e nunca tive resposta. Então, é uma falta de respeito total. Você fica muito desestimulado mesmo. Aí, junta com fim de casamento, junta com tudo e você diz assim: "Quer saber de uma coisa? Eu não quero me frustrar não, eu quero pensar em outra coisa. Eu sou mais do que isso, eu sou mais que o cinema".

Rose – A gente quer saber sobre a causa animal, que é uma coisa muito forte na sua vida desde a infância. Como é que você trabalha isso, como se organiza e como isso influi no seu trabalho, na sua vida?

Jane – É aquela frase: "Seja você a diferença que você quer ver no mundo", do Gandhi, né? (*Refere-se a Mahatma Gandhi, pacifista e fundador do Estado Indiano, 1869-1948*). É o que eu tento fazer, *cara*, porque eu não sou uma pessoa de multidão, de partido nem de associação. Por conta dos gatinhos, eu comecei a conhecer pessoas de grupos protetores dos animais. As pessoas brigam entre elas, sabe? Eu realmente prefiro fazer minha história, eu fazendo o que eu posso. É a minha ética pessoal mesmo.

Ruth – Por que bichos e não filhos?

Jane – Eu acho que não tem nada a ver uma coisa com a outra, porque eu gosto de bichos desde que eu era criança. Sempre tive bichos, não é de agora. Quando meus pais moravam em casa, antes de virem para este apartamento, a gente tinha 16 gatos, todos que eu trouxe da rua. A gente veio morar no apartamento e a casa ficou um tempo sem ser vendida e todo dia eu ia lá deixar comida

Neste ano a Escuela de Cine y Televisión está completando 30 anos. Os amigos de Jane publicaram várias fotos desse período e a equipe de produção pôde ter acesso a uma grande quantidade de memórias dos alunos da primeira turma.

para os gatos, até que eu fui para Cuba e os gatos se dispersaram. Mas eu sempre tive bicho, tive coelho, carneiro, tartaruga. Pedi ao papai Noel um jumentinho, mas ele não me deu.

A gente morava em uma casa que tinha um terreno muito grande ao lado, era duas vezes o tamanho da casa. Isso foi muito bacana para mim. Eu não nasci no campo, mas tive uma infância de campo, porque o (*bairro*) Dionísio Torres era uma fazenda que foi loteada: fazenda Estância, em que o dono era o Dionísio Torres, era uma fazenda de coqueiros. Fui morar lá com cinco ou seis anos de idade e fiquei até os 18 anos. Eu vi esse bairro se urbanizar. Cresci no meio do mato. Era vaca parindo no quintal, vaqueiros fazendo vaquejada no final da tarde a dois quarteirões de casa, que não era nem quarteirão, era uns 200 metros de onde eu morava.

Thaís – Jane, o que você gostaria de fazer e ainda não fez?

Jane – Fazer estrelinha. Sério! Eu sou uma pessoa que valorizo muito a máquina humana que a gente recebe. Esse avatar, essa interface com a realidade é uma máquina tão maravilhosa, tão bem feita, com todas as alavancas possíveis, tudo que a gente pode fazer com nosso corpo... Até onde eu pude eu fui me mantendo operacional. Eu vou me mantendo operacional. Não quero ser uma velhinha *entrevada*, quero viver até os 110 anos fazendo minhas coisas.

Eu conheci uma velhinha que morava sozinha com 103 anos. Ela fazia tudo, não tinha empregada. Ela teve um AVC (*acidente vascular cerebral*) quando a bisneta dela disse que a botaria em uma *maison de retraite* (*em francês, casa de repouso*), na França. Era a bisavó do meu marido. Eu quero ser tal qual ela. Uma velhinha que anda, que passeia, que lê, que vai ao cinema... Por isso a estrelinha, porque não é tão difícil e eu ainda quero aprender.

Ao final da entrevista, Jane mostrou alguns objetos que guardam lembranças, como a calunga, uma bonequinha negra, que havia feito e deixado na França e os amigos trouxeram para ela.

Após a entrevista, recebemos uma bronca do professor Ronaldo por termos brincado com os gatos enquanto entrevistávamos Jane. Uma atitude não muito profissional, porém bastante tentadora.